

# MEMORIAL

MÁRCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA  
(MÁRCIO DE OLIVEIRA)

Apresentado como parte das exigências  
à progressão ao cargo de Professor Titular.  
CV Lattes completo em anexo

Curitiba, agosto de 2014

Advertido por Pierre Bourdieu sobre a “ilusão biográfica”, o presente memorial traz o conjunto não exaustivo de minhas atividades acadêmicas e administrativas após minha admissão na Universidade Federal do Paraná, docente lotado no Departamento de Ciência Política e Sociologia da Universidade Federal do Paraná, no dia 5 de agosto de 1994. Esse memorial encontra-se assim dividido:

1.APRESENTAÇÃO GERAL	3
2. FORMAÇÃO	4
3.ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SINDICAIS	5
4.DOCÊNCIA	10
5.PESQUISA	15
6.PRODUÇÃO CIENTÍFICA	24
7.PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS	27
8.ORIENTAÇÃO DE ALUNOS E PARTICIPAÇÃO EM BANCAS	30
9.GRUPOS DE PESQUISA E PESQUISADOR CNPq.	33
10.ATIVIDADES DOCENTES EM OUTRAS INSTITUIÇÕES	35
11.ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS	36
12.ATIVIDADES EM AGÊNCIAS DE PESQUISA	36
13.CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
14. ANEXO	38

## 1. APRESENTAÇÃO GERAL

Fui admitido no Departamento de Ciência Política e Sociologia, DECISO (à época, intitulava-se Departamento de Ciências Sociais) no dia 5 de agosto de 1994, após ter sido aprovado em primeiro lugar em concurso público para professor assistente, realizado no mês de fevereiro daquele ano.

Cheguei a essa universidade já doutor em Sociologia, em um departamento e cidade dos quais tinha pouca informação. Quando aqui cheguei, havia 26 professores, apenas cinco com doutorado, apenas dois em sociologia. Hoje quase todos estão aposentados. Somando os colegas dos do DECISO aos colegas do Departamento de Antropologia, eram mais de trinta docentes no curso de ciências sociais. Havia um mestrado em Antropologia, mas não havia formação em nível de pós-graduação nas áreas de Sociologia e de Ciência Política. Era grande a distância que separava o ambiente local dos grandes centros no Brasil, por exemplo, de Brasília, que conhecia bem, mas também de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul. Isso motivou-me a estudar o assunto, como detalho mais tarde.

Minha formação (mestrado e doutorado, ambos obtidos na Universidade de Paris V) permitiram-me lecionar diversas disciplinas e publicar meus primeiros artigos. Professor ainda recém-concursado, já em meu primeiro momento, participei da comissão da criação do mestrado em Sociologia, inaugurado em 1995, e reconhecido pela CAPES em 1997. Anos de trabalho e desenvolvimento levaram-nos ao passo seguinte. Em 2003, conduzi, na qualidade de coordenador do Programa de Pós-graduação em Sociologia, o processo de criação do primeiro doutorado em Sociologia do estado do Paraná, concluído em 2004<sup>1</sup>.

Nesses vinte anos de atuação no seio desse departamento e programa de pós, afastei-me apenas durante três semestres, dois para realização de pós-doc (EHESS, 2007/2008) e um para ocupar a Cátedra Simon Bolívar no Institut des Hautes Etudes en Amérique Latine, IHEAL (Universidade Paris III). Ministrei aula para diversos cursos e níveis da UFPR, especializei-me no

---

<sup>1</sup> O aniversário de dez anos da criação do Doutorado não foi ainda comemorado e na última avaliação o programa teve sua nota rebaixada de 5 para 4, apontando deficiências que não vem sendo sanadas

campo dos estudos urbanos, representações sociais, teoria sociológica, história das ciências sociais e migrações internacionais. Orientei alunos nos diversos níveis de formação, fui membro do colegiado do curso de ciências sociais por vários anos. Sou membro do colegiado da pós em Sociologia desde a criação do mestrado. Pesquisei, publiquei livros, capítulos de livros e mais de 30 artigos em veículos nacionais e estrangeiros. Apresentei trabalhos de pesquisa em congressos nacionais e internacionais, fiz conferências em diversas universidades brasileiras e estrangeiras (mormente na França). Enfim, participei de comissões administrativas dos mais diversos tipos e fui o responsável pela criação do convênio UFPR-Universidade de Paris III.

Em relação às agências de pesquisa no Brasil, sou consultor ad-hoc da Fundação Araucária de Apoio à Pesquisa (Paraná), do INEP, da CAPES e do CNPq. Sou Pesquisador do CNPq, nível I-D e líder de Grupo de Pesquisa.

Finalmente, sou membro da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), da International Sociological Association e já participei de congressos nas áreas de Sociologia, Antropologia, História e Psicologia Social. Participei ainda de encontros organizados pela ANPOCS, pela Associação Luso-Afro-Brasileira de Ciências Sociais, pela Association Internationale de Sociologues de Langue Française (AISLF), pelo *International Congress of Americanists*, pela *Asociación Latino-Americana de Sociología* (ALAS) e pela *International Sociological Association* (ISA).

Em anexo, meu CV Lattes completo.

## 2.FORMAÇÃO

Graduei-me bacharel em ciências sociais na Universidade de Brasília em 1983 e guardo excelentes lembranças daqueles anos e dos professores, realmente de todos, que ali então estavam. Após iniciar mestrado na UnB e no IUPERJ, decidi continuar meus estudos pós-graduados na França, aonde cheguei em 1985. Obtive aí o “Diplôme d’Etudes Approfondies en Anthropologie et Sociologie Comparées” (1987) e o título de “Docteur en Sociologie” em março de 1993, ambos na Universidade de Paris V. Sete anos de vivência no exterior fizeram-me perder contato com minha geração formada bem no início dos anos 1980. Por outro lado, alargou os limites da minha

formação, ensinando-me a história e a prática da sociologia em seu continente original.

Em 2002, segui o curso de “Metodologia Quantitativa”, oferecido na UFMG, onde sanei deficiências de minha formação estatística.

Entre setembro de 2007 e março de 2008, cumpri estágio pós-doutoral na EHESS, junto ao *Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain*, sob a supervisão do Professor Jean Hébrard, com que muito aprendi sobre a história colonial do Brasil. Após mais de dez anos ininterruptos de trabalho de sala de aula e pesquisa, os meses na França facultaram-me o tempo necessário para pesquisa e redação de muitos trabalhos que aguardavam na fila. Além disso, pude seguir seminários, encontrar colegas, consultar bibliotecas e outras fontes, participar de eventos, ministrar conferências, enfim, desenvolver atividades profissionais que necessitam tempo e deslocamentos.

### 3.ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SINDICAIS

As atividades administrativas e cargos burocráticos no seio da UFPR nunca foram um objetivo, menos ainda meu foco de trabalho. Isso simplesmente porque me julgo pouco qualificado para tal. Não obstante, desde meu ingresso, venho atuando como membro titular do Colegiado Programa de Pós-graduação em Sociologia, com exceção dos três semestres em que estive afastado. Na Pós, no ano de 2002, fui eleito vice-coordenador e em 2003 assumi a coordenação do programa em razão da vacância do cargo. Em 2004, resolvi candidatei-me e fui eleito para novo mandato de dois anos. A experiência desses quatro anos foi definitiva para mim e também para o programa. Entre 2003 e 2006, conduzi o processo de criação do atual doutorado em Sociologia. Naqueles anos, analisei o formato, ementas, grade curricular, estrutura, linhas de pesquisa de diversos programas de pós em sociologia. Percebi pouca diversidade no universo de então. Fiz ainda um levantamento de número de professores por linha, número de orientandos por professor, publicações, existência de revistas próprias, conceitos, enfim conheci o máximo que se poderia conhecer sem fazer pesquisa *in loco*. Partilhei com colegas todo esse estudo e, respeitando interesses e trajetórias locais, propusemos a criação do doutorado. A (desproporcional) placa no

corredor do 9º andar desse edifício registrou esse momento para sempre. Pessoalmente, a pesquisa dos outros programas foi extremamente importante porque, devido aos anos passados no exterior, pouco conhecimento tinha das estruturas e mesmo de muitos dos professores que compõem nosso campo. Nas reuniões em Brasília na CAPES ou na ANPOCS, pude melhor entender os desafios da pós-graduação no Brasil e disso ainda hoje muito me valho. Contudo, embora fique à disposição, desde nunca mais pleiteei qualquer cargo administrativo local ou geral da UFPR, preferindo contribuir sempre como membro do colegiado e nas comissões de trabalho. Recentemente, junto com o coordenador e outro colega, participei da reformulação das normas gerais do programa, adequando-o as atuais exigências, em especial as modalidades de credenciamento e descredenciamento de docentes e discentes. Pessoalmente, a criação de nosso doutorado é a melhor lembrança que guardo.

No curso de graduação em Ciências Sociais, fui membro do Colegiado por muitos anos seguidos, quando passei a suplente. Nunca fui chefe ou vice do departamento nem mesmo coordenador ou vice da graduação. O trabalho na chefia do departamento é absolutamente administrativo e contábil. Diferente da chefia é a coordenação do curso de ciências sociais. Embora também muito administrativa, há possibilidade aqui de fazer a política de ensino, mudar grades, criar disciplinas, reformular currículos, etc. É a contrapartida político-pedagógica da sala de aula. Participei assim por vários anos do colegiado da graduação. Sempre defendi, por exemplo, que a disciplina “Sociologia da Educação” fosse obrigatória para a licenciatura. Até hoje, por diversas razões, isso não ocorreu. Temos uma licenciatura que obriga os alunos a cursarem “Psicologia da Educação”, mas não “Sociologia da Educação”. Isso não é específico do curso na UFPR. Do mesmo modo, na última reforma curricular, coisa de três anos atrás, lutei, também em vão, para que a atual grade do curso não fosse tão engessada. Hoje, ao final do terceiro semestre, momento até o qual a quantidade de disciplinas teóricas é bastante grande<sup>2</sup>, os alunos são chamados a optar por uma das três áreas - Antropologia, Ciência Política ou Sociologia – ou pela licenciatura. Lembro de dizer – e fui voto vencido – que

---

<sup>2</sup> Esse formato bastante teórico nos semestres iniciais é moeda corrente em vários cursos de ciências sociais no Brasil, como expus em uma mesa redonda no último congresso da SBS, Salvador (2013). Um artigo a esse respeito está em fase de redação e será publicado no próximo ano.

havia muito dirigismo, desconexão e excesso nos conteúdos teóricos das três áreas, o que talvez explicasse a alta evasão. Hoje comenta-se a necessidade de nova reforma ou ajuste.

Por outro lado, sempre questioneei a tríade da formação no Brasil. Há outras opções, mas as tradições, tipo de formação, interesses de pesquisa dos professores, estrutura da carreira, baixo status da docência no ensino médio, estrutura do ensino superior público federal e outros fatores mais, com certeza, talvez expliquem porque nossos currículos são os mesmos que me formaram há mais de 30 anos atrás! A título de exemplo, Marcel Mauss, afora o texto clássico escrito com Durkheim, não é lido nas disciplinas de Sociologia, mas apenas nas de Antropologia. Da mesma forma, dedicamos um semestre a cada um dos tradicionais clássicos. Tempo excessivo e mal calibrado para jovens recém-egressos da puberdade. Travei algumas lutas infrutíferas e, hoje, apenas acompanho o debate sobre o futuro do curso de ciências sociais da UFPR. Com satisfação, em fóruns nacionais e mesmo no MEC, vejo que há um movimento de mudança.

Fiz parte de um sem número de pequenas comissões administrativas, que não faria sentido enumerar aqui, de membro do Comitê de Usuários da Biblioteca à Comissão Setorial de Intercâmbio Universitário, às quais faço parte ainda hoje. Todas essas pequenas atividades administrativas aumentaram bastante em número ao longo desses vinte anos, em especial devido à informatização dos processos que dispensa cada vez mais a necessidade de servidores administrativos. Mas, enfim, nunca ocupei o cargo de coordenador do curso de ciências sociais. Normalmente, há uma rotatividade entre os professores dos dois departamentos, Ciência Política e Sociologia, de um lado, e Antropologia de outro, o que aumenta em muito a oferta de professores para esse cargo. Como sempre houve interessados que julguei melhor qualificados do que eu, nunca disputei a coordenação. Embora não recuse, caso minha hora chegue, realmente não pleiteio.

No plano mais geral da Universidade, nunca postulei cargos eletivos superiores. Aqui, mais uma vez, julgo-me incompetente. Além de pouco claras, ao menos para mim, as normas universitárias mudam sempre. Não obstante, sempre que solicitado, contribuí para a administração superior da universidade, mormente em três momentos. No primeiro deles, fiz parte de uma grande

pesquisa sobre as condições de trabalho dos servidores administrativos entre 2000 e 2001. Esse trabalho redundou numa publicação interna à UFPR, mas seu objetivo era subsidiar a política de pessoal. Experiência rica onde dividi meus conhecimentos profissionais com servidores capazes e dedicados. Num segundo momento, realizei uma pesquisa sobre a mobilidade estudantil no âmbito da Associação das Universidades Grupo Montevideo (AUGM) e, à pedido da reitoria, expus os resultados dessa pesquisa para reitores e representantes em dois encontros na Argentina no ano de 2004. Tive a felicidade de ver uma de minhas proposições de então – incluir os docentes nos planos de mobilidade – aceita pela AUGM, prática hoje em vigor. Enfim, venho dedicando-me nos últimos anos às atividades de intercâmbio internacional. A UFPR vem abrindo-se para o exterior, enviando e recebendo cada vez mais alunos estrangeiros. Minha experiência internacional tem me sido de grande valia e chego mesmo a lamentar não contribuir de forma mais regular.

Em um balanço geral, posso dizer que minhas experiências estritamente administrativas, não falo aqui dos cargos tipicamente docentes, foram muito positivas, embora confirmem meu sentimento íntimo de que tais tarefas não são tão corriqueiras e simples como se propala. Acredito que devam ser profissionalizadas. Como servidor público federal, sei que ainda farei parte de muitas comissões e talvez mesmo de cargos administrativos eletivos, se isso for do interesse do coletivo ao qual pertenço. Porém, por aspiração própria, isso não ocorrerá. Minha opinião particular é que os cargos administrativos deveriam ser conduzidos de forma colegiada por dois ou três professores e amparados por funcionários habilitados. Digo isso simplesmente porque vi e continuo vendo que os professores não têm formação adequada. Assim, normalmente os chefes se atrapalham, perdem tempo precioso. Os cargos, a julgar pelos depoimentos dos colegas, pouco acrescentam, além de fato de melhor entender os meandros e obstáculos da administração pública. Enfadonha e burocrática, a rotina aí conduz à direção contrária da pesquisa criativa. De resto, essas atividades são consideradas um fardo e, na melhor das hipóteses, uma necessidade para dividir a carga.



No tocante às atividades sindicais, realmente muito pouco tenho a reportar. Particpei de um campeonato de ténis de mesa organizado pela nossa associação, logrando um honroso quarto lugar. Foi meu melhor.

Acompanhei lateralmente o movimento docente local. Conheci e discuti com alguns diretores da secção sindical, em especial os colegas do departamento que fizeram parte de algumas gestões. Fui esporadicamente às assembleias da APUFPR. Lembro-me das primeiras – muito parecidas com aquelas do movimento estudantil da UnB dos anos 1980-1982 – e fui a outras duas nesse início de ano. A retórica e a prática sindicais – não me refiro aqui às posições estritamente políticas e às propostas - pouco evoluíram nas últimas décadas. Colegas estrangeiros, professores de instituições públicas, surpreendem-se ao saber que nossas longas greves são “pagas”. Nas assembleias, alguns, sempre os mesmos, tomam a palavra, com suas surradas palavras de ordem. Professores contrários ao movimento (alguns bastante engajados em cursos de especialização pagos, dentre outras atividades) pedem outras formas de luta, que certamente não aderirão, simplesmente para barrar a temida greve e o atrapalho dos calendários de reposição. Diretores sindicais locais continuam a exigir que a participação seja de corpo presente, sem uso de nenhum outro meio, como voto on-line etc. “Nada de voto espírita”, bradou um dirigente da APUFPR, na última greve. Assim, duzentos e poucos (quando tantos) continuam a decidir democraticamente, em nome de mais de 1700 professores, os caminhos do movimento docente local. Em resumo, vejo de um lado um governo supostamente de esquerda, mas bastante gestor e estatístico. De outro, um movimento sincero e bem intencionado, mas isolado, amarrotado e desconectado da pesquisa e da sensibilidade dos alunos. A perdurar essa dualidade, muito pouco tenho a contribuir.

Em relação ao ANDES, num ano que realmente não me recordo, alguém me enviou um mail solicitando meu nome para compor uma chapa de oposição. Considerei o convite uma brincadeira, sobretudo vindo de alguém que nem conhecia, mas o colega retorquiu-me insistindo que precisavam de “alguém do Sul” para fechar a outra chapa, pois caso contrário, só haveria uma. Declinei, nem sei se fui realmente ouvido. Foi tudo.

#### 4. DOCÊNCIA

Meu concurso público de docente, em 1994, foi para a matéria “Sociologia Urbana”. Lecionei essa disciplina com indisfarçável prazer durante meus primeiros anos e, recentemente, em 2012, lecionei-a novamente. Minha ligação com os espaços urbanos está em meu DNA de Brasília, onde residi dos dois aos vinte e dois anos de idade, quando decidi continuar meus estudos de pós-graduação inicialmente na UnB, depois no IUPERJ, e finalmente em Paris. A cidade de Curitiba e o Paraná (escolha das circunstâncias) não poderiam ter sido melhores locais para mim e minha família. Fazem alguns anos, venho retornando lentamente à pesquisa de aspectos da vida social em espaços urbanos e metropolitanos, agora em perspectiva comparada.

Além da Sociologia Urbana, na graduação, lecionei diversas disciplinas, todas elas, com duas exceções, ligadas a interesses de pesquisa. Enumero:

a) Sociologia das Representações – Tendo como pano de fundo minha tese sobre o imaginário de Brasília, pesquisei o tema das representações, desde Durkheim, Mauss, até Bourdieu e Goffman, passando pela original contribuição do romeno naturalizado francês, Serge Moscovici. Entender como os atores veem o mundo e como isso impacta (e vice-versa) suas práticas foram sempre meu foco aqui. Assim, organizei uma ementa e lecionei essa disciplina por vários semestres, também na pós-graduação e mesmo fora de Curitiba. Tanto esforço rendeu-me sempre diversificado público (para uma disciplina optativa), alguns artigos e trabalhos apresentados em congressos. Esses estudos me foram muito úteis, anos mais tarde, quando me interessei pela sociologia durkheimiana. Fazem alguns anos não leciono mais essa disciplina, mas vez por outra recebo mails com solicitações a esse respeito.

b) Sociologia brasileira – Meu interesse por pensadores brasileiros ligase à primeira parte de minha tese de doutorado. Li inteiramente a “História da Inteligência no Brasil”, sem nunca imaginar que um dia residiria na mesma cidade de Wilson Martins e que publicaria um artigo sobre um de seus livros mais controversos, “O Brasil diferente”. Todo meu estudo e material escrito, material até hoje praticamente inédito, permitiram-se organizar uma ementa

para além dos cânones do pensamento brasileiro, buscando integrar contexto geral, andanças e perspectiva comparativa. Gosto muito da disciplina, mas encontro-me sem tempo para pesquisar novamente e, assim, não me sinto em condições de lecioná-la novamente.

c) Sociologia do Desenvolvimento. Cursei, na minha graduação, duas disciplinas excelentes. Sociologia do Planejamento e Sociologia do Desenvolvimento. Sem nunca ter pesquisado efetivamente sobre isso, apenas com estudo próprio e material acumulado para explicar a mudança da capital na era do desenvolvimentismo, ministrei uma vez a segunda e a primeira, embora conste no currículo, nunca foi ofertada. Importante discussão, ausente da sociologia local. Aparece com força na pós da economia.

d) Sociologia da Educação. Segunda disciplina que lecionei (não leciono mais) sem pesquisar. A razão é simples: insistia em oferecer aos licenciandos a visão da sociologia sobre a prática do ensino (sobre a escola) e sobre a educação como um todo. Além disso, considero-a área de grande interesse formativo. Nunca compreendi o pequeno interesse despertado pela função docente no Ensino Médio nem a pouca importância dada aos estudos dos clássicos (com exceção de Durkheim) sobre educação. O fato dos professores universitários não serem obrigados a fazer licenciatura sempre me pareceu errado. Mas meu interesse pela disciplina esteve ligado também à história da sociologia, à sociologia do conhecimento e aos processos cognitivos em ambientes estruturados. Nas últimas atualizações que estudei, percebia que a sociologia da educação ainda conversa pouco com outras áreas e os métodos de ensino são limitados. Mas, no caso brasileiro, a política pública (através do Programa Licenciar e do recente programa de mestrado profissional para professores da educação básica) começa a mudar a realidade da licenciatura. Haverá sempre gente engajada e interessada nesse campo enquanto houver incentivo por parte do poder público. Seja como for, a realidade formativa na UFPR é bem melhor do que aquela que encontrei.

e) Sociologia do Conhecimento. Disciplina de predileção, área clássica da sociologia que havia despertado meu interesse já na graduação, no início

dos anos 1980, quando fui aluno do romeno Zevedei Barbu. Muito havia pesquisado sobre representações e imaginário. Lecionei-a alguns anos. Hoje não mais.

f) Teoria Sociológica. O acúmulo de conhecimento nas áreas de educação, conhecimento e história da sociologia me levaram naturalmente a ministrar as disciplinas de teoria sociológica. Desde 2004 ou 2005, ministro anualmente “Sociologia de Durkheim” para a graduação. Especializei-me no mestre de Bordeaux, como detalho em minhas atividades de pesquisa mais abaixo. Ano a ano, meus conhecimentos nessa área aumentam. Acumulei grande conhecimento desse autor, continuo pesquisando e publicando. Tenho belo acervo de fotos que eu mesmo tirei, por exemplo. Em termos formais, embora a atual ementa fale em “paradigma durkheimiano” (há claro exagero nisso), organizo minhas aulas de forma comparativa, cotejando Durkheim com outros clássicos, imergindo-o em seu universo histórico e social, apresentando sua rede de colaboradores do *Année Sociologique*, seus inimigos, etc. Procuo mostrar seu engajamento político no “século das Luzes” da prática sociológica e aproveito para explicar a história da França em relação aos outros países europeus e mesmo ao Brasil. Termino sempre descortinando a trajetória do pensamento durkheimiano no Brasil e sua atualidade. Posso escrever páginas sobre meu programa e método de ensino, mas paro aqui. Vejo-me lecionando Durkheim por muitos anos ainda.

g) Nos últimos sete anos, criei novo subcampo de pesquisa dentro do curso e da pós, e nova disciplina para a graduação, Sociologia da Imigração. Com efeito, são poucos os cursos de Ciências Sociais no Brasil que apresentam essa disciplina optativa. Investigo as razões disso. Em minha ementa, viajo aos EUA, comento a história da sociologia lá, navego pela História e pela Antropologia, desenvolvo hipóteses de trabalho, apresento imagens e recomendo a filmografia. Poucos temas permitem oscilar da Literatura (e cartas), passando pela Psicologia, Economia, Direito e História até Às Ciências Sociais, indo do subjetivo daquele que viaja só ou em grupo, da Europa para as Américas e vice-versa, refugiados política e economicamente, exilados e apátridas, até a perspectiva macro que faz dos atores pontes que

unem vidas, espaços e continentes. A afluência dos alunos para essa disciplina optativa tem surpreendido e os relatos e trabalhos que recebo demonstram que o interesse despertado encontra-se a meio caminho entre as experiências familiares e as práticas sociais e culturais que desenvolvem no seio de suas famílias descendentes de imigrantes. Concentrei aqui grande esforço de pesquisa, publicação, tenho projeto de pesquisa na área e cheguei mesmo a lecionar esse tema no exterior. Abri diversas frentes de trabalho, oriento alunos na graduação e na pós, enfim, vejo-me lecionando essa disciplina ainda por muitos anos.

Finalmente, em diversos momentos ao longo desses vinte anos, ministrei “Sociologia Geral” para os cursos de Engenharia, Arquitetura, Economia, Administração, Contabilidade e Pedagogia. O espaço dedicado à Sociologia nesses cursos é, na maior parte das vezes, protocolar. Os colegas desses outros cursos, com as exceções de praxe, não se interessam pela disciplina, nem mesmo procuram nos conhecer. Poucos alunos me confortavam nessas experiências.

## NA PÓS-GRADUAÇÃO

Na pós-graduação, onde atuo como docente desde 1996, lecionei sempre o que pesquisava. Por circunstâncias diversas, além da vontade pessoal, para além das minhas optativas de pesquisa, estive sempre ligado às disciplinas teóricas. Sociologia Clássica, na maior parte das vezes, e, em alguns momentos, Sociologia Contemporânea. Planejo, para os anos vindouros, atuar mais decisivamente no campo da teoria contemporânea, aonde venho estudando e pesquisando bastante.

Minha abordagem da teoria é sempre comparativa. Navego entre os autores e seus conceitos. Ancoro minhas reflexões na história, e mesmo na história íntima dos personagens. Há excelentes biografias sobre os três clássicos hoje, o que torna o estudo mais preciso. Na disciplina das clássicas, para os mestrados, organizo ementa de trabalho durante três anos seguidos. Para em seguida, avalio e, um ou dois anos depois, dependendo das conveniências e necessidades, organizo novo ciclo de três anos. O ciclo atual tem sido muito frutífero. Organizei os clássicos em torno de três temas: A Moral, A questão do Indivíduo (e da ação social) e o Estado. A unidade sobre o

Estado não surpreende, mas é muito atual. Falar de indivíduo em Marx e Durkheim é novidade para os alunos; falar em moral em Marx e Weber, de certa forma, também. E por aí vou. Ano que vem será a última experiência desse ciclo.

A disciplina de teoria contemporânea é um desafio ainda maior. A periodização tradicional já nasceu caduca. Manheim e Lahire são contemporâneos! Elias é contemporâneo ou clássico? Passo um bom tempo mostrando as chaves de análise, os prós e contras de cada uma. Deve-se trabalhar os conceitos ou as correntes (linhagens)? Pode-se comparar a-historicamente em retrospectiva? Devemos esmiuçar os textos em toda sua complexidade estilística e semântica ou extrair deles apenas as informações gerais? A partir disso, sigo até mostrar como proceder e as escolhas. Cada semestre, um grupo de autores/obras é escolhido. Trabalho igualmente clássicos-contemporâneos da sociologia francesa (Touraine, Bourdieu...), estabelecendo as pontes entre tendências nos dois lados do Atlântico. Nos últimos anos, enfim, tenho estudado as sociologias em outros continentes, como a Ásia e a África, globalizando meus conhecimentos nesse campo.

Em relação às optativas, nos meus primeiros anos no programa de pós, lecionei, aproveitando conhecimento da minha tese de doutorado, como tópicos especiais, “Sociologia do Imaginário”, onde também abordava o tema das representações. Faço referência aqui ao filósofo (mas também cientista social) francês Gilbert Durand, cuja obra muito estudei e intelectual humanista que tive o prazer de conhecer pessoalmente quando participou de minha banca de doutoramento. Uma figura que do qual muito aprendi. As unidades dedicadas ao segundo termo, representações sociais<sup>3</sup>, revelaram-se mais profícuas e mais sociológicas, no sentido estrito do termo. Eram igualmente mais operativas e possibilitavam aos alunos, sobretudo de outras formações, verem a utilidade da pesquisa sociológica. Sempre tive bom público nessas disciplinas.

Nos últimos sete anos, também como tópicos especiais, leciono “Imigração e Sociedade”. A reflexão que fiz no item “graduação” pode ser

---

<sup>3</sup> A utilização desse conceito na Psicologia Social me foi apresentada pela professora e pesquisadora Cristina Teixeira, minha mulher, que já nos anos 1980 havia se familiarizado com o tema. Foi ela igualmente quem me convidou a assistir, pela primeira vez, uma conferência de Pierre Bourdieu, no Collège de France.

retomada inteiramente aqui. Tema sociológico pouco explorado, mas muito rico. Remete-os à discussão já feita. Como de hábito, pesquisa e ensino estão aqui indissolavelmente ligados. Tenho enfim uma disciplina recentemente criada, mas ainda não lecionada, intitulada “História da Sociologia na França”. Tenho hoje material suficiente para ministrá-la, quando surgir a oportunidade. Insistirei sempre ler em francês, conhecer o que se produz em língua francesa é de fundamental importância (tanto quanto o inglês e o espanhol) em nossa profissão. A *Université du Québec à Montréal* (UQAM) hospeda já de muitos anos uma das melhores plataformas de textos clássicos, contemporâneos, de metodologia etc., do mundo. A título de curiosidade, toda a obra de Durkheim, realmente toda, inclusive resenhas etc., aí estão em formato *word* e *pdf*, no original.

Termino esse item. Desenvolvi especial predileção por esses alunos da pós. Público um pouco mais rodado e ávido do bom conhecimento. O formato dos cursos e a bolsa contribuem para o maior rendimento. A parte esses fatores, a profissionalização e a idade fazem muita diferença. Tenho plena convicção: o aprendizado da sociologia exige foco e vivência.

Muito embora a dedicação de Max Weber e de Emile Durkheim para com seus alunos sempre tenha me obcecado, nunca encarei minha atividade docente como uma rotina laboral, mas sim como um espaço de prazer e de conhecimento. O tablado da sala de aula é o melhor lugar do mundo.

## 5. PESQUISA

Minhas atividades de pesquisa sempre tiveram como foco principal as práticas sociais em espaços urbanos. Da cidade de Brasília, passando pela cidade de Paris, onde residi por sete anos, à cidade de Curitiba e, nesse exato momento, à cidade de Lyon, na França. As cidades, e as ações sociais que nela e a partir delas se produzem, me fascinam. Brasília foi meu objeto de tese de doutorado; a história de Paris é um dos meus esportes prediletos.

A cidade de Curitiba tinha álibis perfeitos para seduzir qualquer pesquisador de sociologia. História político-administrativa marcada pela continuidade e pela inovação, tendo à frente políticos técnicos e criativos, plano diretor em vigor e (bem) executado; cidade pouco verticalizada, limpa e bem cuidada, com uma população relativamente homogênea, apresentando baixa

desigualdade socioeconômica para os padrões pátrios e, finalmente, uma quantidade de espaços públicos e áreas verdes acima da média. Em termos gerais, leitores dos principais jornais e revistas de circulação nacional já tinham ouvido falar (bem) dela.

Dentre os diversos aspectos sociais, urbanísticos e arquitetônicos da cidade, dois me chamaram imediatamente à atenção: a forte presença de descendentes eslavos (poloneses e ucranianos) em meio aos tradicionais imigrantes alemães, italianos, japoneses e árabes que aportaram no Brasil, e o grande número de parques e bosques públicos, parte deles dedicados aos grupos de imigrantes. Inicialmente, decidi estudar a história da cidade, tendo como ponto de partida as áreas verdes públicas. Em 1996, falava-se em 52m<sup>2</sup> de área verde pública por habitante, índice muitíssimo superior à recomendação de ONU de 18m<sup>2</sup> de av/hab. Hoje fala-se em 64,5m<sup>2</sup> av/hab, após medição com nova tecnologia que leva em conta apenas maciços florestais de mais de 100m<sup>2</sup>, excluindo-se lagos e outras áreas similares. Anos depois, a municipalidade criara um programa de coleta seletiva e reciclagem de lixo e, finalmente, havia a promessa das “indústrias verdes”.

A questão que me interessava então era justamente entender a história desse aparente sucesso ecológico e de qualidade de vida, refazendo a história ambiental da cidade, ao mesmo tempo em que discutir o acesso e uso público das áreas verdes e o *modus operandi* dos programas de coleta seletiva de resíduos sólidos, com possibilidade de troca por alimentos orgânicos. Ao final de sete anos de pesquisa, havia publicado 5 artigos específicos sobre a questão ambiental em Curitiba. Como um todo, demonstrara que havia uma diferença entre áreas públicas e áreas verdes totais. Somadas e levando-se em consideração à população de então, em 1998, as áreas públicas perfaziam 20m<sup>2</sup> de área verde preparada em termos urbanos e paisagísticos, ou seja, efetivamente e efetivamente disponível aos moradores de Curitiba, mas não apenas àqueles, justamente por serem públicas. O programa de coleta seletiva de lixo era limitado geograficamente, pouco criterioso na separação dos diversos resíduos e a possibilidade de troca de material reciclável estava criando depósitos clandestinos e comércio ilegal. Por outro lado, a história ambiental da cidade, com suas supostas inovações já nos anos 1970, haviam sido construídas discursivamente pós-facto, a partir do final dos anos 1980,



quando ações urbanas (de drenagem e saneamento em áreas inundáveis emolduradas por faixas verdes e abertas ao uso público, por exemplo) foram apresentadas como ações ambientais, o que teria valido a Curitiba a alcunha de “Capital Ecológica”, criada factualmente em 1992.

Após essa pesquisa inicial que me familiarizou com a cidade, estendi meus interesses ao estado do Paraná e à própria universidade. Investiguei então as razões da fraca institucionalização da Sociologia na cidade de Curitiba (e mesmo no estado do Paraná), sobretudo levando-se em conta à data da criação da UFPR (1912) e do próprio curso de Ciências Sociais (1938). Dois mitos estavam (ainda estão?) bem implantados aí. O primeiro da “mais antiga universidade do Brasil. Com efeito, criada em 1912 por membros da elite intelectual local, a “Universidade do Paraná” contava apenas com três faculdades: Engenharia, Direito e Medicina. Não havia, portanto, uma Faculdade de Educação. Nessa condição estava também a “Universidade de Manaus”. Assim, em 1915, quando o governo federal, através de decreto, modificou a legislação oficializando o ensino superior no Brasil, e exigindo que as instituições criadas tivessem que se localizar em cidades de mais de 100 mil habitantes, sob pena de perderem o direito ao status legal de universidade e não terem mais seus diplomas reconhecidos nacionalmente, a “Universidade do Paraná” optou por não fechar suas portas, postura diametralmente oposta de sua congênere amazonense. Essa situação permaneceu até 1950, quando a “Universidade do Paraná”, até então mantida com recursos privados e estaduais, foi efetivamente federalizada e reconhecida através da Lei nº 1.254 de 4 de dezembro de 1950, passando a ser gerida como instituição pública de ensino superior, pelo Estado. A história do curso de Ciências Sociais, criado em 1938, é exemplo dessa trajetória bem particular. Surgiu no seio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCL-Pr), criada por um grupo de intelectuais católicos<sup>4</sup> ligado ao *Círculo de Estudos Bandeirantes*<sup>5</sup>, funcionando nas instalações do Colégio Marista. Além dos cursos de Filosofia, de Ciências e de Letras, foi associado à faculdade, sob a forma de “anexo”, o “Instituto Superior de Educação”, tendo por base a nova legislação (Reforma

---

<sup>4</sup> Estiveram associados a esse grupo, professores formados pelas faculdades de Direito, Engenharia e Direito (da então Universidade do Paraná) e pela Escola Agrônômica do Paraná.

<sup>5</sup> Hoje, como ontem, o CEB é mantido pela PUC-Pr. Para maiores detalhes, ver a página <http://www.pucpr.br/circuloestudos/>

Campos) de 1931 que previa a criação das “Faculdades de Educação” como elo entre as diversas faculdades.

Em seus primeiros anos o curso de Ciências Sociais funcionou de maneira descontínua nas instalações do Colégio Marista, no centro da cidade, e era pago. Entre 1938 e 1952, inscreveram-se trinta e oito alunos e apenas oito formaram-se em licenciatura ou bacharelado e somente em 1958 ganhou sede própria, atual “Reitoria). Importante lembrar enfim que em 1957 é criado um segundo curso de Ciências Sociais no interior da PUC-Pr, sendo facultado aos então professores do curso de ciências sociais da FFCL-Pr a opção de migrarem para o novo curso ou permanecerem no antigo. Temos notícia de que apenas um professor optou por vincular-se conjuntamente aos dois cursos e esse nos afirmou em entrevista que efetivamente, criado em 1938 era o curso de ciências sociais da PUC, não esse no qual ministro aulas desde 1994. Esse material de pesquisa resultou primeiro em um seminário regional sobre a história das ciências sociais no estado e, posteriormente, no livro, por mim organizado - intitulado “As Ciências Sociais no Paraná” (2006) - onde reuni contribuições de vários colegas que trabalharam comigo<sup>6</sup>.

A pesquisa sobre a história das ciências sociais permitiu a catalogação de inúmeros documentos e fontes sobre o estado do Paraná. Foi assim que em 2009, em conjunto com o ex-aluno e hoje colega com bolsa pós-doc em nosso departamento, José Szwako, organizamos e publicamos o livro “Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná”. A ambição ali foi de outro porte. Pretendíamos entender as especificidades locais inseridas no contexto mais amplo do “Brasil Meridional”, viajando da esfera da política às artes.

A questão em torno de uma “Sociologia do Brasil Meridional” permaneceu no centro de minhas atenções desde então. Meus estudos sobre grupos imigrantes no estado e, especial, na Região Metropolitana de Curitiba resultaram em diversos artigos, capítulo de livro, participações e congressos, em meu pós-doc e mesmo em minha experiência docente no Institut des Hautes Etudes en Amérique Latine. Interessei-me inicialmente em contextualizar a história da imigração para o Paraná, tomando como ponto de

---

<sup>6</sup> Ainda que contenha certas deficiências, esse livro tornou-se com o tempo uma referência para o estudo da história das ciências sociais no estado.

partida o grupo de imigrantes e descendentes poloneses, celebrizado pelos estudos de Otávio Ianni, no final da década de 1950 e início dos anos 1960. Esse ponto de partida não foi fortuito. Vários fatores o explicam. Em resumo, temos o grupo numericamente mais importante, menos visível, discriminado e alvo de piadas e, em especial, menos estudado. Ademais, se somados aos imigrantes e descendentes ucranianos, fazem do Paraná o estado mais eslavo do Brasil. Enfim, o “Bosque do Papa” (dedicado à imigração polonesa) é dos mais agradáveis e, sem dúvida, dos que mais frequentei.

As condições estando reunidas, resgatei inicialmente a história da imigração para o estado, inserindo-a no contexto maior da imigração brasileira e latino-americana. Inicialmente, corriji a versão segundo a qual todos os poloneses que chegaram ao Paraná (e ao Brasil, em certa medida) eram camponeses, católicos e analfabetos. Demonstrei que havia grande números de escolas, órgãos de imprensa em língua polonesa, artes e atividades esportes e paramilitares ligadas a essa comunidade, que nem de longe era homogênea. Em minha temporada como pós-doc na EHESS, comparei a situação dos poloneses no Brasil com aquela encontrada na França e mesmo nos Estados Unidos. Fiz também uma rápida viagem à Polônia (Varsóvia e Cracóvia) onde, por indicação do professor Ignacy Sachs (CRBC/EHESS), entrei em contato com professores da Universidade de Varsóvia, em especial Martin Kula. Registro aqui meus agradecimentos a todos esses professores.

Os estudos sobre o tema da imigração abriram-me dos mais profícuos campos de pesquisas sociológicas, desde a história da sociologia da imigração no Brasil e, em especial nos EUA, aos estudos sobre processos de discriminação. Permitiu-me também circular por congressos na área da história e da antropologia<sup>7</sup>. Retomei os estudos feitos por Ianni no Paraná sob a coordenação de Florestan Fernandes, reestudei o Projeto UNESCO e estou reescrevendo uma pequena parte da história da sociologia do Brasil Meridional, resgatando essa expressão esquecida. Venho estudando a formação das cidades no sul do Brasil, os processos multiculturais e a originalidade dos padrões culturais de conduta em diversas áreas do comportamento social.

---

<sup>7</sup> Conheci profissionais competentes nesses campos, hoje amigos, que referencio mais tarde.

Saliento aqui que, à diferença da Argentina, EUA e Canadá, onde existem diversos trabalhos sobre a história da imigração, até o momento não há um livro sintético sobre o assunto. Em encontros da ANPUH, comentei o fato com colegas historiadores e não há um consenso sobre esse fato. O pesquisador vê-se então obrigado a recorrer aos capítulos dedicados ao assunto nos volumes *da História Geral da Civilização Brasileira* ou ainda nos volumes da *História da Vida Privada no Brasil*. Pode também recorrer a trabalhos menores como *Migração e Colonização no Brasil*, escrito pelo Ten. Cel. Geraldo de Menezes Cortes, de 1954, o livro *Síntese da História da Imigração no Brasil*, escrito pelo jornalista Fernando Basto (1960) ou enfim os artigos publicados na *Revista de Imigração e Colonização*, editada pelo órgão público “Conselho de Imigração e Colonização”<sup>8</sup>. Isso me levou ao estudo da história da sociologia da imigração no Brasil ora em curso, onde as principais referências são Manuel Diegues Jr, José Fernando Carneiro e Giralda Seyferth<sup>9</sup>.

Aliado às minhas pesquisas sobre teoria sociológica e sobre a história da sociologia no Brasil, destaco a publicação, nesse ano de 2014, de dois estudos. Um sobre a presença do tema da imigração na sociologia clássica e outro sobre a pesquisa de Ianni sobre os poloneses do Paraná. Por outro lado, de três anos para cá, venho dedicando-me a um estudo específico, quase de comunidade, sobre os imigrantes e descendentes italianos instalados no município de Colombo, na região metropolitana de Curitiba. Procuo verificar ali a presença do que venho chamando, a título exploratório, de *habitus imigrante*. Essa pesquisa, além de ter propiciado a realização de três monografias de graduação, já resultou em um capítulo do livro “Um Mosaico de Nacionalidades e Múltiplas Cultura”, organizado pelos professores Maria Luiza Tucci Carneiro e Sedi Hirano<sup>10</sup> (São Paulo: Editora Humanitas, 475 p., 2014, no prelo).

Finalmente, retornando ao meu antigo interesse sobre Curitiba, concluí e publiquei um pequeno artigo sobre alemães na cidade durante a chamada

---

<sup>8</sup> Isso não resume a produção nas ciências sociais e na história, que é hoje bastante importante. Para maiores detalhes, ver dentre outros, Boris Fausto. *Historiografia da Imigração para São Paulo*, São Paulo: IDESP/Sumaré, 1991.

<sup>9</sup> Todas essas pesquisas vêm contando com apoio do CNPq na forma de projeto aprovado em editais específicos e também na forma da bolsa produtividade que tenho desde 2006.

<sup>10</sup> Registro aqui a amizade e respeito intelectual que tenho para com Sedi Hirano, com quem continuo trabalhando.

Grande Guerra e iniciei uma pesquisa sobre aspectos culturais associados à presença de descendentes de imigrantes na em diversas esferas da vida urbana local em comparação com o que ocorre na cidade de Lyon na França.

É difícil aqui expor de forma condensada resultados das pesquisas sobre o tema da imigração ainda em curso. De forma geral, posso afirmar que a história do subcampo da sociologia da imigração ainda está por ser escrita. Por sua vez, o tema da imigração, enquanto subcampo, encontra-se pouco consolidado na sociologia brasileira, à diferença do que ocorre na Antropologia, por exemplo. Igualmente, as consequências sociais, econômicas e culturais da forte presença de imigrantes em determinadas regiões do Brasil são um campo aberto, à espera de novas hipóteses e perspectivas de análise. A título de exemplo, o estado do Paraná organiza anualmente, fazem 52 anos, um festival de etnias e grupos folclóricos que dá vazão a um grande número de atividades promovidas por associações étnicas, demonstrando a vitalidade de tradições, costumes e práticas artístico-culturais que têm origem nos grupos de imigrantes, mas que não se resumem a eles. Meus estudos sobre descendentes de imigrantes italianos em Colombo demonstram que tanto nos espaços urbanos quanto nos espaços rurais, a imigração não é fenômenos circunscrito ao passado, mas enlaça-se no cotidiano atual das práticas de muitos grupos sociais, sendo assim, variável importante na determinação da diversidade e da ação coletiva de setores da sociedade.

Gostaria de encerrar esse item fazendo referência à minha atuação no campo da teoria sociológica. Iniciei meus estudos teóricos desenvolvendo o conceito de imaginário a partir de minha tese de doutorado. O estudos sobre imaginário são um campo controverso. O termo permite isso e, a partir dele, diz-se tudo e seu contrário. Li, anos atrás, um artigo na *Folha de São Paulo* escrito pela Marilena Chauí, sobre a “classe operária”. Ela utilizou aí o termo “imaginário da classe operária”. Substituí, no texto, “imaginário” por “ideologia” e o sentido não se alterou nada! Era mesmo sobre a “ideologia da classe operária” o que ela dizia. Esse exemplo, fortuito, não é único. São muitas acepções, originárias em campos de conhecimento diversos. Sartre o utilizou de maneira vulgar. Imaginário, para Lacan, chega a ser o contrário de imaginário para Gilbert Durand, minha referência. Quando descobri isso, não fiz mais referências à sua obra para meus alunos. Iria certamente confundi-los.

Como disse, minhas referências estão na obra de Gilbert Durand. Senti-me recompensado com tanto esforço. Na tese, há todo um desenvolvimento teórico sobre o conceito e escrevi dois pequenos artigos sobre isso. Quando percebi a dificuldade de operacionalizar esse conceito para alunos com pouca ou nenhuma formação filosófica e mesmo pouca experiência em pesquisa sociológica, vi que deveria mudar. A migração para o conceito de *representações sociais* aproximou-me mais da sociologia. Então, novas pesquisas levaram-me a publicar um artigo que muito me agrada: chama-se “Representações sociais: uma teoria para a sociologia?”. Apresento aí um argumento sobre como se pode (uma das vertentes possíveis, claro) trabalhar o conceito, teórica e metodologicamente<sup>11</sup>.

A pesquisa em torno desse conceito levou-me novamente a Durkheim. Daí para começar a pesquisar a sociologia durkheimiana foi um passo pequeno. Meu interesse por Durkheim tem origem longínqua na minha estadia de sete anos na França. Meus antigos professores lá ensinaram-me aspectos de sua obra que desconhecia. Aprendi então que sua sociologia não tinha alcançado a posteridade que em princípio deveria ter, nem mesmo na França. Anos mais tarde, em 2006, visitei Bordeaux, quando conheci os locais de trabalho e habitação de Durkheim em seus anos mais profícuos. Mesmo naquele momento, percebi que havia muito o quê estudar e dizer sobre Durkheim, em especial sobre seus anos bordelenses. Havia apenas, em 2006, um pequeno artigo sobre todos aqueles anos. A grande biografia veio apenas em 2007, pelo canadense Marcel Fournier<sup>12</sup>, o mesmo que havia biografado Mauss. Enfim, nesse ano de 2014, um colega e amigo publicou um livro sobre os anos bordelenses de Durkheim repleto de excelentes fotos. O título é “Emile Durkheim à Bordeaux”. Recomendo.

No plano pessoal, como um dos responsáveis pela disciplina “Durkheim” na graduação desde 2005, procurava as razões que explicam a pequena quantidade de sociólogos brasileiros que se afirmam durkheimianos. Antes de iniciar meus estudos sobre a trajetória da sociologia durkheimiana no Brasil, em situações pontuais, pedia a colegas que me explicassem o relativo descaso

---

<sup>11</sup> Publiquei em 2012 um artigo retrazando a trajetória do conceito de Representações Sociais na obra de Durkheim.

<sup>12</sup> Além de Fournier, conheci também Edward Tiryakian (Duke University), talvez o mais importante durkheimiano nos EUA hoje.

nacional para com esse autor clássico. Por exemplo: por que Florestan convidou José Albertino Rodrigues (professor da UFSCAR que não havia se notabilizado por publicações no campo da teoria) para coordenar o volume Durkheim da coleção Grandes Cientistas Sociais da Ática? As respostas, embora insuficientes, foram motivadoras e pude comparar minhas hipóteses iniciais com a trajetória da sociologia durkheimiana em outros países, em especial a Inglaterra, EUA e México, além da própria França. Em 2008, no congresso internacional “Durkheim 150 anos”, organizado por importantes colegas da USP, apresentei uma primeira versão da trajetória de Durkheim no Brasil, finalmente transformado em capítulo de livro em 2009. Naquele momento, tive a oportunidade de conhecer, conversar com Steve Lukes (o primeiro biógrafo de Durkheim) e Philippe Steiner, que assina “La sociologie de Durkheim”, na coleção *Repères* da editora *La Découverte* (formato bolso). Apreendi muito com ambos. Mas enfim, apresentei em São Paulo a tese segundo a qual a história da sociologia durkheimiana no Brasil não pode ser desvinculada da mesma trajetória em solo francês. Aqui, como lá, descontinuidade e rupturas marcam o processo. Aqui, à diferença de lá, ocorreu também a fragmentação da recepção. Isso porque, os trabalhos de Durkheim foram recebidos por atores com inserções institucionais diversas (Faculdade de Direito, Faculdade de Educação, Faculdade de Filosofia...) atendendo a interesses igualmente distintos. Além disso, o projeto científico da chamada “Escola Paulista de Sociologia” recepcionou apenas parcialmente a obra de Durkheim. No jogo do campo sociológico dos anos 1940-50, Durkheim foi preterido e enquadrado numa chave de leitura hoje bem datada. No ano de 2012, incentivado pelo editor da revista *Durkheimian Studies/Etudes Durkheimiennes*, o diretor do *Center for Durkheimian Studies* da Universidade de Oxford (Inglaterra), Prof. William Watts Miller, aprofundei essa pesquisa e revi detalhes. O resultado desse trabalho será publicado no próximo número dessa revista, ainda nesse ano de 2014.

Em 2011, com Raquel Weiss, organizei um livro sobre a “atualidade de Durkheim” entre nós, já em segunda tiragem, com textos e traduções inéditos de trabalhos de e sobre Durkheim. De 2008 para cá, participei ainda de dois encontros internacionais sobre Durkheim, um em Porto Alegre e outro em Montréal, e publiquei mais dois artigos, um deles, já assinado sobre o conceito

de representações sociais, e outro sobre a sociologia política do mestre de Bordeaux. No momento atual, ainda com colegas, organizo um novo livro sobre Durkheim, já no prelo da editora da USP. Numa palavra, participo hoje de uma rede mundial de pesquisadores de Durkheim. Ainda que distantes dos meus estudos empíricos de ontem e de hoje, os estudos teóricos têm aprofundado meus conhecimentos sobre a história da sociologia, particularmente na França.

A pesquisa teórica e o estudo biográfico têm sido práticas cotidianas muito prazerosas.

## 6.PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Parte da minha produção científica já foi comentada no item “pesquisa”. Sintetizo no quadro abaixo os números gerais.

### PRODUÇÃO CIENTÍFICA (1994-2014)

<b>TIPO</b>	
Artigo Periódico Nacional	27
Artigo Periódico Internacional	06
Livro Nacional	01
Livro Internacional	01
Livro organizado	04
Dossiê Organizado	01
Cap Livro Nacional	09
Cap Livro Internacional (EUA/Inglaterra)	01
Resenha	02
Tradução	03
<b>TOTAL</b>	<b>55</b>
Livro Organizado (prelo, 2014)	01
Cap Livro Nacional (prelo, 2014)	01
Cap Livro Internacional, (EUA, prelo, 2014)	01
Artigo Periódico Internacional (Inglaterra, 1; França, 2. Prelo, 2014)	03
<b>Total prelo</b>	<b>06</b>

FONTE: O Autor, CV Lattes.



Como um todo, procurei sempre dar vazão, inicialmente em congressos, à fazer notar que dos anos 1980 aos anos 2010, o acesso aos periódicos, documentos e outras fontes tornou-se imensamente mais fácil. Os jovens de hoje não têm ideia de como era pesquisar e escrever antes dos computadores (guardo ainda hoje como “peça de museu”, duas máquinas datilográficas, uma manual outra eletrônica) e, sobretudo, da INTERNET. Da mesma forma, lembro-me bem de ouvir dos meus antigos professores da UnB que só deveríamos publicar algo, em forma de artigo, após a conclusão da dissertação de mestrado e, na França, somente após a tese de doutorado, em forma de livro. Quanta diferença!

Ainda hoje, noto grande variedade entre veículos de publicação nos países, alguns optando pelos livros (ou capítulos de livros), outros pelos artigos em periódicos bem avaliados. A publicação de trabalhos apresentados em congressos não é julgada necessária em muitos países, antes o contrário porque considera-se que tais eventos são destinados a debates e os frutos desses é que devem ser publicados. É enfim interessante salientar que a maior parte dos trabalhos publicados em anais de congresso não chegam a ser publicados em forma de capítulos ou artigos, demonstrando talvez que não têm maturidade para tanto. Mas, sem dúvida, essa é uma questão que passa também pelas agências de avaliação, pelas editoras, etc.

A história da minha produção científica evoluiu fundamentalmente em função de minhas pesquisas. Trabalhos sobre Brasília (tese de doutorado), Curitiba, Paraná/Brasil são a linha geral. A teoria, velha companheira, vem dando frutos nos últimos anos. Com exceção dos livros e um dossiê em periódico organizado com um colega da UFF, toda a minha produção até hoje, embora fruto de debates múltiplos, é individual. Contudo, tenho hoje no prelo um capítulo e um artigo escritos em parceria.

Como mostra a tabela acima, privilegiei mais artigos do que capítulos ou livros. Continuarei a privilegiar os periódicos por julgá-los de muito maior acesso. Mas os e-books ganham cada vez mais espaços dentre os leitores e repenso sua importância como veículo de divulgação. Para o futuro imediato, tenho um livro sobre Durkheim organizado com colegas, dois capítulos de livro já no prelo e três artigos com previsão ainda para o ano de 2014.

De toda minha produção, destaco<sup>13</sup> meu livro sobre Brasília (uma versão revisada, aprofundada e mais essencial desse livro foi publicada em francês, pela editora *L'Harmattan*, agora em 2014), meu livro e artigos sobre Durkheim e meus artigos sobre o tema da imigração, em especial sobre os poloneses. Considero o artigo recém-publicado na *Dados* sobre a presença do tema da imigração nos clássicos, um dos meus trabalhos de maior fôlego.

Em função de minha formação em pós-graduação ter sido inteiramente na França, privilegiei esse país e a língua francesa como local e veículo de expressão. Com efeito, minha relação com o mundo acadêmico francês me acompanha desde sempre e vem se acentuando. Nos últimos anos, porém, tenho tentado alargar minhas relações acadêmicas e veículos de publicação, como mostram a recente produção de capítulos e artigos em língua inglesa, alguns ainda no prelo. Muito embora minha língua estrangeira de habilidade consolidada continue a ser o francês, hoje a língua inglesa vem se tornando uma realidade/meta em termos de publicação.

Um último ponto merece destaque. Procurei sempre apresentar resultados, mas também escrever bem. A redação árida afugenta os leitores. Sem cair na linguagem rebuscada e excessivamente adjetivada, tentei sempre ser direto, claro e fundamentado, mas também elegante. O estilo nunca é retórico. Com a palavra, os leitores.

Termino dizendo que os números da tabela acima podem dar a falsa impressão de uma boa média de publicação por ano. Chegarei a pouco mais de três produtos (entre artigos, livros etc.) por ano. Ocorre que a maior parte dessa produção ocorreu nos últimos sete anos. Como explicar a assimetria? Talvez dizendo simplesmente que a produção científica exige tempo e maturação. Mas qualquer que seja a resposta, encontro-me numa fase ascendente e, tendo ainda bons anos à minha frente antes de aposentar, o futuro apresenta-se alvissareiro.

---

<sup>13</sup> O índice de citação é a ferramenta para julgar o impacto do trabalho acadêmico. Sei assim que alguns trabalhos vem sendo citados. Não obstante, por economia e simplicidade, assino meus trabalhos como "Márcio de Oliveira". Em contato com o CNPq percebi que alguns de meus trabalhos citados não eram relacionados ao meu nome completo. Segundo o funcionário que me atendeu, isso seria corrigido, mas ainda não foi.

## 7. PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

Nos congressos, a quase totalidade dos meus trabalhos foi fruto de pesquisa individual. Apenas nos últimos anos fiz parceria com alunos do doutorado e uma única com um aluno do mestrado<sup>14</sup>. Em um seminário fechado organizado pelo *Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação* (USP), apresentei em 2013, pela primeira vez, um trabalho, hoje no prelo como capítulo de livro, com graduandos bolsistas/orientandos de monografia. Trabalhar com os muito jovens foi especialmente gratificante.

### CONGRESSOS, 1994-2014

Congresso Nacional	22
Congresso Internacional	17
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>

FONTE: O Autor, CV Lattes

A participação em congressos é um dos momentos mais ricos na vida de um professor/pesquisador. Encontrar colegas, ouvir, refletir e debater são partes essenciais do processo de produção científica. De forma geral, procurei transformar minhas apresentações nos congressos em publicações. Considero a publicação em “anais” apenas uma formalidade. Trata-se de forma intermediária e não definitiva do resultado da pesquisa.

Na escolha dos eventos, priorizei àqueles das ciências sociais *stricto sensu*, particularmente da Sociologia. Nesses, contudo, procurei aprender com colegas de outras áreas como história, economia e psicologia, principalmente. Particpei assim de eventos da História e da Psicologia, identificando-me em especial com a primeira. Aprendi com Bourdieu que a Sociologia é a História do presente assim como a História é a Sociologia do passado. Não por acaso, na França, a História faz parte do conjunto das ciências sociais.

Procurei ao longo desses vinte anos participar de eventos tanto no Brasil quanto no exterior, nacionais ou internacionais, indistintamente. Fui apoiado pelas agências de universidade em quase todos eles, e registro meu agradecimento.

<sup>14</sup> Como regra, só assino com orientandos quando, além da orientação normal, os trabalhos que apresentam são escritos a quatro mãos.

No Brasil, venho frequentando com assiduidade os congressos da Sociedade Brasileira de Sociologia onde, desde 2007, coordeno o Grupo de Trabalho de Teoria Sociológica. Fui menos assíduo aos encontros da ANPOCS. Particpei de alguns encontros da Psicologia Social (sobre o tema das “representações sociais”, JIRS), da Antropologia (ABA e RAM) e da História (ANPUH). No exterior, particpei de encontros organizados pela Associação Luso-Afro-Brasileira, pela ALAS, pela AISLF (*Association International de Sociologues de Langue Française*) e pela ISA (*International Sociological Association*). Frequentados por vezes pelos mesmos colegas, são espaços bastante distintos, com lógicas próprias e grupos de trabalho também ligeiramente diferentes. Em todos esses espaços, as ciências sociais brasileiras estão sempre bem conceituadas e representadas. Posso dizer que o formato, o público e os interesses de pesquisa modificaram-se sensivelmente nessas duas décadas. Em resumo, há hoje maior participação, sobretudo dos alunos, maior abertura (o número de subcampos da sociologia aumentou brutalmente) e variedade geográfica, para além dos quadros humanos tradicionais dos EUA, Canadá, países europeus e latino-americanos. Porém, aqui e ali, vi mais amadorismo científico, maior vontade de fazer estatística, menor interesse no trabalho dos colegas e, no final de tudo, menor qualidade.

Fiz mais de duas dezenas de conferências em universidades brasileiras e não registrei todas elas. Foram realizadas por ocasião de visitas, bancas etc. Guardo na memória o interesse e a curiosidade demonstrados por aqueles que me ouviram. Cito duas delas: no ano de 2013, fui convidado a fazer uma palestra sobre teoria sociológica na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus de Erechim, bem longe de qualquer fronteira, e não tão próximo do centro da cidade de mesmo nome. No último mês de abril fui convidado a proferir a aula inaugural do ano de 2014 no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, em São Luís, acontecimento inédito e marcante em minha vida acadêmica. Quão distante é a realidade amazônica da gaúcha, quanto separa a nova fornada dos anos Lula dos centros tradicionais, quantas reflexões pode-se fazer a partir dessas experiências? Pessoalmente, agradeço a possibilidade de ver *in loco* quão diverso é o Brasil e a universidade brasileira.

Gostaria de fazer ainda referência às conferências que fiz no exterior, por dois motivos. Primeiro, porque atestam a vitalidade do interesse que colegas estrangeiros sempre manifestaram em relação ao Brasil. Segundo, porque nessas ocasiões pode-se comparar o grau de aprofundamento de nossas pesquisas, da utilização das referências teóricas e empíricas à eficácia dos métodos. Foram doze no total, uma no Canadá e onze na França. Na França, fiz parte delas em duas instituições, EHESS (CRBC) e Universidade Paris III (IHEAL). Em 2013, fiz uma conferência na Universidade do Québec em Montréal (UQAM), no “*Centre d’Etudes et des Recherches sur le Brésil*”. Fiz ainda, nesse ano de 2014, duas outras conferências, uma na Universidade de Lyon II e outra na Universidade de Toulouse II, com o sugestivo título de “*Parcours d’un sociologue brésilien*”.<sup>15</sup> O interesse aqui, para além dos temas tratados, foi a possibilidade de abrir portas tanto para estágios doutorais dos alunos quanto para parcerias de pesquisa. Para a Universidade de Paris III, enviei três pós-graduandos e espero enviar outros em 2015 para Lyon, onde um projeto de pesquisa em conjunto está em andamento.

Saliento aqui também que a maior parte dos congressos, assim como ocorreu como a produção científica, está concentrada nos últimos dez anos. Deixo no ar aqui as mesmas perguntas que fiz acima. Ao menos, a coerência está guardada. Quanto mais trabalhos apresentei em congressos, mais artigos publiquei.

Organizei poucos eventos, colaborei em outros e convidei colegas para conferências e outras pequenas atividades. Detalho. Sempre que tive a oportunidade, convidei colegas (brasileiros e estrangeiros) a Curitiba. Da mesma forma, sempre aproveitei a presença de colegas em Curitiba, convidando-os a fazer uma conferência no curso ou programa.

O primeiro evento que organizei foi um seminário sobre ciências sociais no Paraná. Foi uma etapa da pesquisa que coordenava sobre esse tema. Anos depois, organizei um evento sobre Sociologia e Psicanálise com os professores Bárbara Freitag e Sérgio Rouanet. Em 2009, organizei um pequeno evento intitulado “A França no Brasil”, com os professores Olivier Compagnon e Anaïs Flechet.

---

<sup>15</sup> Parte do material que apresentei ali está nesse memorial.

Organizei ainda conferências sobre modernidade e sociologia, com o professor Renato Ortiz (UNICAMP), sobre as Ciências Sociais nos anos 1940-50, com o professor Sedi Hirano (USP)<sup>16</sup>, sobre o tema das migrações internacionais, com os professores José Ramos (UFF) e Jerzy Mazurek (Univ. de Varsóvia), sobre memória coletiva e sociedade, com a professora Miriam Santos (UERJ), sobre a participação brasileira e argentina na primeira guerra, com o professor Olivier Compagnon (Paris III). No ano de 2013, organizei, em conjunto com a professora Valéria Ferreira, um evento sobre sociologia urbana e pesquisa com crianças, com o professor Jean-Yves Authier (Lyon II). Finalmente, iniciei um seminário com especialistas internacionais chamado “O Brasil visto de fora”, que teve em sua primeira sessão o professor Hervé Théry (CREDAL-CNRS),

Colaborei sempre na organização dos eventos da pós-graduação e na organização do GT de Teoria Sociológica dos congressos da SBS desde 2007. No congresso da SBS de 2011, organizei também uma Mesa-redonda sobre o tema da imigração.

## 8. ORIENTAÇÃO DE ALUNOS E PARTICIPAÇÃO EM BANCAS

Como dito inicialmente, quando cheguei às ciências sociais da UFPR não havia programa de pós-graduação. A orientação de monografias também não era uma obrigação para os alunos que optavam pela licenciatura. O bacharelado era segunda opção da maior parte dos discentes. Em resumo, não havia muito quem orientar. Anos depois, isso mudou e o bacharelado (que incluía a defesa da monografia de conclusão do curso) passou a ser a formação obrigatória. Ainda hoje, pode-se ou não fazer a licenciatura<sup>17</sup>. No começo, portanto, não havia muito quem orientar. A título de curiosidade, ano passado, um colega que ingressou no departamento no mesmo ano (ou ano anterior) do que eu, comentou comigo: “Lembra como era isso aqui quando nós chegamos? Quando sairmos, teremos algo para olhar para trás!” Espero que as gerações futuras também concordem.

---

<sup>17</sup> Esse formato não leva muito em consideração às necessidades educacionais do país. Há cada vez mais mercado no Ensino Médio, em comparação ao Ensino Superior, sobretudo nas médias e grandes cidades.

Minhas primeiras orientações ocorreram no contexto das bolsas PIBIC e do Programa PET, do qual fui tutor durante três anos, entre 1996 e 1999. A experiência à frente do PET foi extremamente gratificante. Lembro-me de ter convidado professores das mais diversas áreas da UFPR, com o objetivo de comparar suas perspectivas, métodos e resultados de pesquisas com os nossos. Deveria realmente ter publicado nossos debates. Além disso, organizamos uma pesquisa experimental sobre consumo da nascente (hoje diz-se “emergente”) das camadas médias (ou classe C), utilizando critérios mercadológicos de potencial de consumo. O objetivo era organizar uma discussão sobre desenvolvimento humano, na esteira dos grandes debates da sociologia do desenvolvimento desde os anos 1950. Publiquei essa pequena pesquisa no livro que organizei sobre as ciências sociais no Paraná.

Em relação à Iniciação Científica, sempre que concorri, fui contemplado com bolsas. Como pesquisador do CNPq, tive uma bolsa de IC durante três anos e, em outros momentos, tive monitores em disciplinas da graduação. Mantive alunos próximos durante vários anos. Pouco a pouco, além de meus bolsistas, orientei monografias, dissertações de mestrado e de doutorado, etc., como detalhado no quadro abaixo.

#### ORIENTAÇÕES 1994-2014

Orientações	Concluídas	Em andamento
Monografia	09	1
Bolsa de IC (por ano orientado)	11	0
Graduação outra natureza	05	0
Mestrado	12	6*
Doutorado	03**	1
Supervisão de Doutorado	01	0
<b>TOTAL</b>	<b>41</b>	<b>8</b>

FONTE: O Autor, CV Lattes.

\*Uma delas em co-orientação

\*\*Uma delas em co-orientação

A maior parte de minhas orientações ocorreu no período 2004-2014. Foram 31 sobre um total de 41, todos os tipos confundidos. Em andamento, tenho oito

alunos sob minha orientação, número também alto comparado aos dez anos iniciais. É um pouco mais fácil aqui explicar a assimetria, muito embora a escolha do orientador seja, em grande parte, prerrogativa do aluno. Não obstante, a consolidação do programa, com a criação do doutorado, a consolidação do próprio curso, com a obrigatoriedade da conclusão do bacharelado com monografia e meus novos temas de pesquisa podem ser fatores relevantes. Contudo, a taxa de evasão acima dos 50% na graduação não permite que o número total de alunos no curso ultrapasse a casa de duzentos e poucos. O número de formandos por ano também é baixo e permanece na casa dos trinta e poucos. Considerando-se que somos quase quarenta professores entre antropólogos, cientistas políticos e sociólogos, qual seria a média ideal de orientandos por professor em nosso curso?<sup>18</sup>

Na graduação, as últimas oito monografias que orientei versaram sobre aspectos do fenômeno da imigração. Isso é muito positivo e tem me permitido dialogar também com a área de relações internacionais, que acostumei a seguir através da imprensa desde meus tempos estudantis na França. Há novidade e grande interesse discente aqui.

O trabalho de orientação na pós não modificou-se substancialmente nesses quase vinte anos. O grande diferencial continua sendo o aluno. Talento e foco de pesquisa não se improvisam e são raros, em especial em um estado com pouca tradição nas ciências sociais. Some-se a isso um mercado restrito ao âmbito universitário e a ausência de tradição em pesquisa tanto no setor público não acadêmico quanto no setor privado. De todos os alunos com os quais trabalhei no passado mais distante, pouquíssimos realmente tinham vocação de pesquisa e de docência, e a confirmaram. A internacionalização das universidades começa a mudar esse quadro, trazendo reflexos positivos no plano local.

Do ponto de vista pessoal, após um período onde meu trabalho de orientação foi apenas parte de minhas funções regimentais, chegam a mim estudantes com motivações claras, ligadas a pesquisas minhas em andamento, e que, efetivamente, têm tornando-se interlocutores e parceiros. Da atual safra,

---

<sup>18</sup>O novo modelo de alocação de vagas em discussão levará em conta o número de alunos médio por professor. Sabemos no departamento que estamos abaixo da média geral da UFPR. É possível que isso tenha impacto na nova reformulação do curso.



tenho excelentes alunos e pesquisadores, aos quais já incentivei a continuação da carreira com estágios doutorais no exterior. Enfim, tenho uma aluna japonesa e argentinos já me contataram. Se a política de bolsas for mantida, o futuro anuncia-se promissor. *Affaire à suivre*.

Em relação à participação em bancas de avaliação de professores e alunos, apresento o quadro abaixo:

#### PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE AVALIAÇÃO, 1994-2014

TIPO DE BANCA	Número
Concurso público para magistério superior	03
Concurso para professor substituto	04*
Qualificação de Doutorado	09
Doutorado	06
Qualificação de mestrado	15
Mestrado	23
Monografia	20
Exames de Seleção de Pos	07*
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>

FONTE: O Autor, CV Lattes

\*Número estimado

Não sei julgar se participei muito ou pouco, ou se estou na média de participações em bancas. Nunca havia feito tal contabilidade e vejo que estive em quatro bancas em média por ano. Esse número encobre nova assimetria. De 1994 a 2003, foram vinte e uma bancas de alunos. Nos últimos dez anos foram trinta, das quais quinze apenas entre 2013 e 2014 e o ano não acabou.

Sou crítico e rigoroso em relação aos trabalhos que leio. Meu ponto de partida é sempre simples: daquilo foi anunciado como objetivo ao que foi realizado, passando pelos instrumentos teóricos, metodológicos e empíricos escolhidos e empregados. Alunos e orientadores merecem isso. O trabalho em bancas toma sempre muito tempo, não apenas pela quantidade. Nem sempre as teses e dissertações têm a qualidade desejada, isso sendo particularmente verdadeiro para as qualificações, embora aqui isso seja normal e esperado. Contudo, bancas (mesmo as medianas) são prazerosas e instrutivas. Agrada-me em particular o debate que o trabalho suscita, acompanhar a performance dos colegas convidados, a saia-justa de alunos e orientadores, enfim, trata-se

de um espaço saudável, necessário e intelectualmente muito rico. Espero ser convidado ainda muitas vezes.

## 9. GRUPOS DE PESQUISA E PESQUISADOR DO CNPQ

Assumi a coordenação do então Grupo de Pesquisa (CNPq) “Núcleo Interinstitucional de Ciências Sociais” em 2004. Nele coordenei a pesquisa que deu ensejo ao livro “As Ciências Sociais no Paraná” (2006). Após encerrar essa pesquisa, o grupo passou ao tema do “Brasil Meridional”, dando ensejo ao segundo livro organizado “Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná” (2009). Nesse momento, os temas de pesquisa alargaram-se e modifiquei o título do grupo para “Núcleo de Estudos sobre Sociologia, Multiculturalismo e Migrações Internacionais”, que está à frente de minhas publicações, orientações etc. Nesse novo formato, afastaram-se alguns professores do antigo grupo e vários dos meus ex-alunos ingressaram. O grupo encontra-se hoje em processo de reformulação e de vinculação a uma rede internacional de pesquisadores.

Fui convidado nos últimos anos a fazer parte de outros dois grupos de pesquisa. O primeiro foi o grupo de pesquisa “E/imigrações: histórias, culturas e trajetórias”, liderado por Ismênia Martins (UFF) e Alexandre Hecker (USP). Com efeito, após participar de dois encontros nacionais de História em 2009 e 2011, os líderes desse grupo fizeram-me o convite. Tenho participado assiduamente e publicado com os colegas no campo da imigração, cuja interface com os trabalhos propriamente históricos tem sido de grande valia. Em 2012, fui convidado a ingressar no grupo de pesquisa, liderado por Sedi Hirano, “Arquivo Virtual Histórias de Migrantes” (USP). Esse grupo está organizado em torno da Profa. Maria Luíza Tucci Carneiro, coordenadora do *Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação*. Nesse caso também, a interface com a História tem sido importante, com o diferencial de lidarmos com questões tipicamente sociológicas como racismo e discriminação. Meus estudos sobre questões multiculturais tem feito a ponte com esse colegas.

Concluindo, desde sua fundação, faço parte do “Centro Brasileiro de Estudos Durkheimianos”, dirigido pelos colegas Raquel Weiss e Rafael

Benthiem, sediado na UFRGS. Com efeito, a parceria com os colegas “durkheimianos” vem consolidando-se nos últimos anos e o centro, que está filiado à rede internacional de centros durkheimianos, é o primeiro passo para que se registre um grupo de pesquisa, mas que ainda não foi registrado no Diretório do CNPq.

Sou bolsista produtividade do CNPq desde março de 2006 e I-D desde março de 2009. Tive três projetos PQ, bolsas de IC (reservadas a bolsistas-produtividade) e um “universal” aprovados. Minha bolsa PQ atual tem vigência até 28 de fevereiro de 2016. A possibilidade de contar com esse tipo de apoio tem sido um fator capital na minha carreira. Registro aqui meu agradecimento ao CNPq.

## 10. ATIVIDADES DOCENTES EM OUTRAS INSTITUIÇÕES

Em meus primeiros anos de UFPR, ministrei cursos sobre imaginário na UFRJ, na UFSC e na UnB. Anos atrás, ministrei um curso no mestrado em Sociologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. De 1º de fevereiro a 31 de maio de 2011, fui professor convidado na Universidade de Paris III, IHEAL, ocupando a Cátedra Simon Bolívar<sup>19</sup>. A experiência no IHEAL mostrou-me o funcionamento das instituições de ensino e pesquisa na França de uma forma que não conhecia, apesar dos tantos anos de convivência e vida ali. Com efeito, de todas minhas experiências docentes, o semestre no IHEAL foi a mais marcante, por vários motivos<sup>20</sup>. Primeiro porque trata-se de uma cátedra conquistada em concurso público aberto aos cientistas sociais, historiadores, geógrafos e economistas de todos os países latino-americanos. Segundo, porque ministrar cursos em outro ambiente universitário, em outra língua e para outro público exige nova abordagem e concentração. Terceiro, porque nosso trabalho, ao final do semestre, é avaliado por colegas e alunos. Quarto, porque, ainda que brevemente, somos instados a colaborar nas dissertações que levam ao título de *Master 2* e de *Docteur*. Quinto, e último, porque vivenciei uma

---

<sup>19</sup> Registro aqui o agradecimento a todos os colegas do meu departamento, com uma única exceção. Percebendo a importância para o coletivo dos alunos, para o programa de pós, e também para minha carreira, liberaram-me das minhas atividades docentes no primeiro semestre de 2011.

<sup>20</sup> Registro aqui meu agradecimento ao professor do IHEAL, Olivier Compagnon, o incentivo a submeter minha candidatura ao cargo de professor convidado dessa instituição.

experiência em ambiente extremamente propício à pesquisa, competitivo e leal, onde a cultura da avaliação está bem arraigada.

#### 11. ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS

Associei-me a *Sociedade Brasileira de Sociologia* em 2005 e a *International Sociological Association* em 2010. Na primeira, venho coordenando o GT de Teoria Sociológica desde o congresso de 2007, há quatro edições. O trabalho à frente do GT tem sido gratificante e instrutivo. É o espaço onde acompanho a trajetória das discussões teóricas em sociologia. No último congresso, participei também de uma mesa sobre o ensino e a pesquisa em teoria sociológica. Os trabalhos de todos os membros dessa mesa serão publicados em número de revista, ainda sem data. No penúltimo congresso, aqui em Curitiba, organizei uma mesa sobre o tema da imigração. No momento presente não há nenhum GT sobre esse tema, o que também tem me motivado a concluir minha pesquisa sobre a história desse subcampo na sociologia brasileira. Termino dizendo que nossa participação, enquanto coordenadores de GT e sócios, nas decisões e encaminhamentos da *Sociedade* e dos congressos é sempre limitada, restringindo-se à montagem do grupo e/ou organização de mesa. A SBS continua muito distante de nosso dia-a-dia de sociólogo no Brasil.

Em relação à ISA, filiei-me a dois *Research Committees*, a saber: *Racism, Nationalism and Ethnic Relations* e *History of Sociology*. Apresentei trabalho no congresso de 2010. Não participei do congresso de 2014, mas um trabalho de minha coautoria foi apresentado.

Enfim, quero associar-me a AISLF e voltar a participar de seus congressos e a duas associações norte-americanas: *American Sociological Association* e *Social Science History Association*.

#### 12. ATIVIDADES EM AGÊNCIAS DE PESQUISA

Fora da UFPR, sou consultor ad-hoc do INEP para os cursos de ciências sociais e ciência política. Participei de curso específico para avaliadores em Brasília no começo dos anos 2000, organizado pelo INEP. Atuando por esse órgão, visitei diversos estados e universidades no país (RGS, CE, MT, RJ...), sempre avaliando cursos de ciências sociais e ciência política.

Como avaliador do Comitê de Sociologia da CAPES, visitei o programa de pós-graduação em ciências sociais da UNESP em Marília. Ainda em relação à CAPES, venho contribuindo na forma de pareceres ad-hoc fazem alguns anos. Como bolsista-produtividade, sou também consultor do CNPq e fiz pareceres ao longo desses anos.

Ainda fora da UFPR, fui coordenador do Comitê de Ciências Humanas da Fundação Araucária de Apoio à Pesquisa (agência do estado do Paraná) por dois anos, e membro titular outros dois. Sou ainda consultor ad-hoc dessa agência.

### 13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre me imaginei fazendo exatamente o que faço: sala de aula e pesquisa. Agradeço a presença de todos e fico à disposição da banca examinadora.

14. ANEXO (CV LATTES COMPLETO)